

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE A POLÊMICA QUESTÃO DO LAZER

Nelson Carvalho MARCELLINO

Instituto de Filosofia – PUCCAMP

Esta breve abordagem da complexa questão do lazer, longe de pretender fornecer elementos originais ao debate acadêmico, objetiva atender os interesses dos participantes do curso "O ensino da Filosofia no 2º Grau", que solicitaram algumas considerações sobre determinados tópicos, que pudessem servir como ponto de partida para discussões e aprofundamentos, em sala de aula.

1. ESTUDOS SOBRE LAZER

Como todas as questões que envolvem a vida social do homem, a do lazer também tem antecedentes bastante longínquos, em termos de reflexão. O ócio, o não-trabalho, foi motivo de preocupação para uma série de nomes da Filosofia Social. Mas, é sobretudo a partir do advento da chamada "sociedade industrial", que a importância do lazer foi ganhando terreno, na previsão dos pensadores sociais do século XIX.

É na Europa, motivado pelas condições do trabalho industrial, as quais desrespeitavam um mínimo de dignidade para o ser humano, que surge o primeiro "manifesto" a favor do lazer dos operários, o clássico "O Direito à Preguiça", do militante socialista Lefargue, publicado em 1880. Mas, foi preciso esperar até as primeiras décadas deste século, para que se desenvolvesse o estudo sistemático da questão do lazer, tanto nos Estados Unidos, quanto na Europa. No pós-guerra, as investigações sobre o fenômeno lazer ganharam uma nova dimensão, devido ao próprio contexto histórico. Anteriormente, no entanto, a questão já havia sido analisada por filósofos como Bertrand Russel, que em 1932, publicava o seu "Elogio ao Lazer", Huizinga, com o "Homo ludens", de 1938, ou Veblen, do clássico "Teoria da classe ociosa", que data do início do século.

A partir dos anos 50, o lazer possa ser objeto de estudo sistemático, nas "sociedades industriais", quer do tipo capitalista ou so-

cialista. Entre vários trabalhos publicados, destacaram-se os de David Riesman ("A multidão solitária"), Friedmann ("O Trabalho em migalhas", entre outros) e Mills ("A nova classe média-white Coliar").

Mais recentemente, com ênfase nas duas últimas décadas, alguns autores vêm se dedicando, quase que exclusivamente, ao assunto, estudado de uma perspectiva geral. Entre eles destacam-se: Parker, Lanfant, Kaplan, Grazzia, Fourastié, e o sociólogo francês Joffre Dumazedier, este último de grande influência sobre pesquisas e trabalhos relacionados à área, no Brasil, com várias obras traduzidas, entre as quais: "Lazer e Cultura Popular" e "Valores e Conteúdos Culturais do Lazer".

a. Os Estudos Brasileiros:

pelo menos 50 anos separam o desenvolvimento dos estudos sobre o lazer na Europa e no Brasil. Lá, o contexto histórico que propiciou o interesse maior por essa questão está diretamente relacionado ao processo de industrialização. Aqui, muito embora também possa ser verificada a mesma relação, o assunto encontra-se mais vinculado ao fenômeno da urbanização da vida nas grandes cidades.

A questão do lazer é motivo de preocupação recente entre os pensadores e pesquisadores brasileiros, bem mais nova, por exemplo, do que a fama de "país do Carnaval e futebol". Até bem pouco tempo atrás, a maioria das abordagens sobre o tema ocorria de forma indireta, sobretudo quando se enfocava a questão do trabalho. Era o império da "moral cristã do trabalho", em plena "terra de Macunaíma". Ainda assim, nomes como Alceu Amoroso Lima, Gilberto Freyre e Vicente Ferreira da Silva ocuparam-se da questão do ócio, do significado do não-trabalho, ou das perspectivas abertas pela automação.

"Lazer operário" é considerado o primeiro livro brasileiro a tratar, de forma específica, da problemática do lazer. O trabalho, desenvolvido por José Acácio Ferreira, foi publicado em Salvador (poderia haver melhor lugar?) em 1959, tendo como sub-título "um estudo de organização social das cidades". Mais um indício de que é somente com a aceleração do processo de urbanização, que o assunto ganha ressonância social.

Não é por acaso que o primeiro grande encontro para o estudo do lazer, foi realizado em São Paulo, em outubro de 1969. O censo do ano seguinte mostrou, pela primeira vez, a supremacia numérica da população urbana brasileira. Aliás, os "clássicos" sobre o tema passam a ser traduzidos e publicados, somente no final da década de 60, com grande atraso, em relação às edições originais. Mesmo assim, o discutido predomínio do "homo ludens" sobre o "homo faber" já havia sido focado, em 1950, por Osvald de Andrade.

Os primeiros trabalhos sobre a questão do lazer, produzidos no Brasil são marcados, na sua maioria, pela falta de "autenticidade", principalmente se for levada em conta a legitimidade da ligação com a realidade social concreta. O que se verifica, em grande número, é a simples "filiação" a esta ou aquela corrente de pensamento, tomando como critério a análise dos argumentos dos seus autores, pertencentes a sociedades altamente desenvolvidas tecnologicamente, ou portadoras de sólida tradição cultural.

A Universidade brasileira iniciou, significativamente, suas investigações sobre o assunto, somente a partir da década de 70. No decorrer dos anos 80 tem crescido, de forma considerável, o número de teses defendidas nesse campo, principalmente relacionadas à educação e à produção cultural.

b. Tendências:

Obedecendo a uma característica que se observa também em outras esferas do conhecimento, notadamente na área das chamadas ciências humanas, o estudo do lazer vem se especializando, quer em termos de faixas etárias, ou de conteúdos de atividades. Atualmente, já podemos contar com um bom número de títulos que analisam o lazer infantil, ou o da terceira idade, bem como bibliografias específicas sobre atividades motoras, artísticas, turísticas, etc.

A compreensão mais ampla das questões relativas ao lazer e seu significado para o homem contemporâneo, pelas próprias características abrangentes desse objeto de estudo, não pode ficar na dependência de uma disciplina exclusiva, exigindo contribuições das várias Ciências Sociais, da Filosofia, e de profissionais ligados direta, ou indiretamente, ao campo, caso de arquitetos, educadores, terapeutas ocupacionais, trabalhadores sociais, etc.

É necessário, tendo em vista o atual estágio dos estudos e a urgência do encaminhamento de propostas, do desenvolvimento e sistematização de experiências interdisciplinares no estudo do lazer. Estamos no início de um longo caminho a ser percorrido e que abre perspectivas, não só para o entendimento das várias questões do lazer, mas também para um melhor embasamento da ação cultural nessa área específica.

2. OCORRÊNCIA HISTÓRICA DO LAZER

Os assuntos ligados ao estudo do lazer são muito polêmicos. Para não fugir à regra, a questão da ocorrência histórica do lazer é bastante discutida. Alguns autores consideram que, se os homens sempre tra-

balharam, também paravam de trabalhar, existindo assim um tempo de não-trabalho, e que esse tempo seria ocupado por atividades de lazer, mesmo nas sociedades chamadas "tradicionais". Para outros, o lazer é fruto da sociedade moderna-industrial.

Na realidade, não há, a rigor, um caráter de rejeição entre as duas correntes, mas sim enfoques diferentes. A primeira aborda a "necessidade de Lazer", sempre presente, e a segunda se detém nas características que essa necessidade assume na sociedade moderna. Em outros tipos de organização o que se verifica é o não-isolamento das atividades obrigatórias, das lúdicas, o que de modo algum significa a não-existência do lúdico. E mais ainda, o que não nos permite prever se essa divisão, verificada atualmente na sociedade moderna, urbano-industrial, permanecerá efetivamente ou não.

No caso da sociedade brasileira, e tendo em vista suas características próprias, é a partir do momento que marca o início da transição do estágio tradicional para o moderno, que se verifica a ruptura entre a vida como um todo e o lazer, fazendo com que este adquira significação própria.

Temos, assim, dois estágios — considerados separadamente para fins de análise, mas que na realidade se apresentam num "continuum", ou são contemporâneos dentro da mesma sociedade, representativos de estilos de vida diferentes:

1º — Na sociedade tradicional, marcadamente rural, e mesmo nos setores urbanos pré-industriais, não havia uma separação entre as várias esferas da vida do homem. Os locais de trabalho ficavam próximos, quando não se confundiam com a própria moradia, e a produção era ligada basicamente ao núcleo familiar, obedecendo ao ciclo natural do tempo. O trabalho, freqüentemente interrompido para conversas, acompanhava o ritmo do homem, e não raro era executado ao som de cantos. O mutirão constitui o exemplo mais marcante da relação produção/festa nas sociedades tradicionais. O binômio trabalho/lazer não era caracterizado e as ações se desenrolavam como na representação de uma peça teatral, com os "atores" atuando de forma integrada e linear, dominando toda a história de seus personagens;

2º — Na sociedade moderna, marcadamente urbana, a industrialização acentuou a divisão do trabalho, que se torna cada vez mais especializado e fragmentado, obedecendo ao ritmo da máquina e a um tempo mecânico, afastando os indivíduos da convivência nos grupos primários e despersonalizando as relações. As pessoas passaram a fazer parte de grupos variados, sem ligações uns com os outros. Caracteriza-se o binômio trabalho/lazer e as ações de desenvolvem como na gravação de um filme, onde os "atores" participam de cenas estanques, sem conhecer a

história de seus personagens, cenas essas freqüentemente interrompidas para serem retomadas em seqüências totalmente diferenciados.

A industrialização, que pode ser considerada o divisor de águas entre os dois estágios, só vem se consolidando, entre nós, há algumas décadas. Ao se consolidar, provoca uma série de modificações no comportamento das pessoas, acelera o processo de urbanização de novas áreas e promove a concentração populacional em torno de áreas já urbanizadas.

A caracterização de nossa sociedade como preponderantemente urbana começa a se configurar a partir do censo de 70, tendência essa confirmada pela análise dos números levantados em 80, com ênfase na concentração da população nos grandes centros.

3. UM DUPLO PROCESSO EDUCATIVO

Praticamente todos os autores ligados ao estudo do lazer reconhecem, além de suas funções de descanso e de divertimento, também o seu caráter de desenvolvimento, e neste, seu duplo aspecto educativo. Trata-se de um posicionamento baseado em duas constatações: a primeira, que o lazer é um veículo privilegiado de educação; a segunda, que para a prática crítica e criativa das atividades de lazer é necessário o aprendizado, o estímulo, a iniciação, que possibilitem a passagem de níveis menos elaborados, simples, para níveis mais elaborados, complexos, com o enriquecimento do espírito crítico, na prática ou na observação. Verifica-se, assim, um duplo processo educativo — o lazer como veículo e como objeto de educação.

Tratando-se do lazer como veículo de educação, é necessário considerar suas potencialidades para o desenvolvimento pessoal e social dos indivíduos. Tanto cumprindo objetivos consumatórios, como o relaxamento e o prazer propiciados pela prática ou pela contemplação, quanto objetivos instrumentais, no sentido de contribuir para a compreensão da realidade, as atividades de lazer favorecem, a par do desenvolvimento pessoal, também o desenvolvimento social, pelo reconhecimento das responsabilidades sociais, a partir do aguçamento da sensibilidade ao nível pessoal, pelo incentivo ao auto-aperfeiçoamento, pelas oportunidades de contatos primários e de desenvolvimento de sentimentos de solidariedade.

Por outro lado, para o desenvolvimento de atividades no "tempo disponível", de atividades de lazer, quer no plano da prática, quer no da fruição não conformista e crítica, é necessário aprendizado. Entretanto, quando a análise é dirigida ao lazer como objeto de educação — o que implica na consideração da necessidade de difundir seu significado, esclarecer a importância, incentivar a participação e transmitir informações que tornem possível seu desenvolvimento ou contribuam para aper-

feizoa-lo —, entra-se numa área polêmica e marcada por muitas interrogações.

A principal delas talvez seja: como educar para o lazer conciliando a transmissão do que é desejável em termos de valores, funções, conteúdos, etc., respeitando-se as suas características de livre escolha e expressão? Creio que a escolha será tão mais autêntica quanto maior for o grau de conhecimento que permita o verdadeiro exercício da opção entre alternativas variadas.

Além disso, as barreiras impostas pelos preconceitos e pelas várias correntes ideológicas, verificadas no plano cultural, poderão ser relativizadas, com mais facilidade, à medida que o lazer vá sendo convenientemente entendido em termos dos seus valores e funções. E tal fato contribuiria para que a expressão através das atividades de lazer adquirisse uma extensão muito maior. A própria passagem de níveis elementares para superiores teria condições de se concretizar mais rapidamente, através da ação educativa para o lazer, somada à sua vivência, do que se dependesse unicamente da participação nas atividades, ou seja, se se restringisse à educação pelo lazer.

A educação para o lazer pode ser entendida também como um instrumento de defesa contra a homogeneização e internacionalização dos conteúdos veiculados pelos meios de comunicação de massa, atenuando seus efeitos, através do desenvolvimento da criticidade. Além do mais, a ação conscientizadora da prática educativa, inculcando a idéia e fornecendo meios para que as pessoas vivenciem um lazer criativo e gratificante, torna possível o desenvolvimento de atividades com um mínimo de recursos, ou contribui para que os recursos necessários sejam reivindicados pelos grupos interessados, junto ao poder público.

4. VALORES: MANUTENÇÃO OU MUDANÇA?

Quais seriam as formas de considerar o lazer, em termos de valores a ele atribuídos, pelos vários autores que vêm se dedicando ao estudo deste tema, no Brasil? Procurar responder a esta questão não é tarefa fácil. Mas, em linhas gerais, podemos considerar algumas correntes preponderantes. Entretanto, não podemos esquecer que qualquer tentativa de investigação, nesse sentido, não deve perder de vista que se está enfocando valores setoriais.

Portanto, as observações que passarei a fazer não devem ser entendidas dentro de uma visão maniqueísta, que separa em campos estanques valores positivos de negativos. Mesmo porque o pensamento de cada autor apresenta uma variada gama de nuances, em termos de valores. A análise é baseada na ênfase que é dada a determinados aspectos, o que não implica, necessariamente, na ausência de outros, não considerados.

A primeira abordagem detectada verifica-se sobretudo na comparação entre o lazer e as outras esferas da atividade humana, como o trabalho, por exemplo. O lazer é proposto como "finalidade da existência e ideal de felicidade". Enfatiza-se o fator de "compensação" de sua prática. Dentro desta postura, o lazer compensaria a insatisfação e a alienação do trabalho e de outras esferas de atuação.

No entanto, essa abordagem **compensatória**, não é a única. Pode-se distinguir uma visão **romântica**, marcada pela ênfase nos valores da sociedade tradicional e pela nostalgia do passado; uma visão **moralista**, motivada pelo caráter ambíguo do lazer, visto como "faca de dois gumes", enfatizando-o como ocasião para a efetivação de valores "supeitos", negativos, perigosos e desagregadores da tranqüilidade, da ordem e da segurança social; e uma visão **utilitarista**, ou seja, a redução do lazer à função de recuperação da força de trabalho, ou sua reciclagem. Nesse último caso são destacados os ganhos de entidades ou empresas pelo uso do "lazer programado", em termos de abrandamento de relações e estabilidade. Em síntese, o que denomino de visão "utilitarista", procura justificar a atenção para o campo do lazer, por parte dos empregadores ou das autoridades, apontando os resultados psicológicos e as conseqüências econômicas, em termos de retorno para as empresas.

Em todas essas abordagens, romântica, moralista, compensatória e utilitarista, pode-se depreender uma **visão "funcionalista"** do lazer, altamente conservadora, que busca a "paz social", a manutenção da "ordem", instrumentalizando o lazer como recurso para o ajustamento das pessoas e uma sociedade supostamente harmoniosa, ou fator que ajuda a suportar a disciplina e as imposições sociais e a ocupar o tempo com atividades equilibradas e corretas do ponto de vista "moral".

Contrapõe-se a essa visão do lazer como instrumento de dominação, aquela que o entende como um fenômeno gerado historicamente, do qual emergem valores questionadores da sociedade como um todo, e sobre o qual são exercidas influências da estrutura social vigente. Assim, para essa corrente **crítica**, a admissão da importância do lazer, significa considerá-lo como um tempo privilegiado para a vivência de valores que contribuam para mudanças de ordem moral e cultural. Mudanças necessárias para a implantação de uma nova ordem social.

Nessa **visão "crítica"** do lazer, detetada entre alguns autores brasileiros, ele não é visto como simples assimilador de tensões ou alguma coisa boa que ajuda a conviver com as injustiças sociais. É importante registrar que esses autores consideram a ocorrência, na nossa sociedade, não do lazer, mas do "antilazer" — ou seja, sua própria negação: simples atividades a serem consumidas alimentando a alienação.

Observações Finais:

Os quatro itens abordados são apenas pequenas amostras das discussões que a temática do lazer envolve. Caberá ao professor, em contato com seus colegas de outras disciplinas, e em conjunto com os alunos, definir os pontos a serem estudados, não só a partir de textos, mas da realização de atividades de lazer, envolvendo a escola e a comunidade próxima.

Dessa forma, poderão ser estudadas as barreiras sociais para a prática do lazer, a questão da redução da jornada de trabalho, a marginalização da mulher, da criança, e do idoso no seu direito ao lazer, as relações entre lazer e trabalho, lazer e educação, lazer e religião, ou a questão política que envolve a ocupação do espaço urbano.

INDICAÇÕES BIBLIOGRÁFICAS

Procurei listar, aqui, os títulos mais facilmente encontrados, e também de relativo grau de complexidade:

BACAL, Sara. **Lazer: teoria e pesquisa**. S. Paulo, Loyola, 1988.

CAMARGO, Luís Ocatávio de Lima. **O que é lazer**. S. Paulo, Brasiliense, 1986.

DUMAZEDIER, Joffre. **Lazer e cultura popular**. S. Paulo, Perspectiva, 1979.

LAFARGUE, P. **O direito à preguiça**. Lisboa, Estampa, 1977.

MAGNANI, J. G. **Festa no pedaço**. S. Paulo, Brasiliense, 1982.

MARCELLINO, N. C. **Lazer e humanização**. Campinas, Papirus, 1983.

. **Lazer e educação**. Campinas, Papirus, 1987.

RUSSEL, B. **Elogio do Lazer**. Rio de Janeiro, Zahar, 1977.

Revista **REFLEXÃO**, nº 35, PUCCAMP — tema: Lazer e Trabalho.